

COMPREENSÕES E IMPLICAÇÕES DO MULTICULTURALISMO NO CAMPO DO CURRÍCULO: PENSANDO UM CURRÍCULO MULTICULTURALMENTE ORIENTADO

Aline Cleide Batista¹

Resumo

Este artigo trata-se de uma pesquisa de referencial teórico que tem por objetivo refletir acerca das proposições dos estudos multiculturais e suas implicações no campo do currículo. Nesta abordagem, observo alguns aspectos do contexto histórico-social, da construção do conhecimento e da área educacional a partir dos estudos e discussões no contexto da teoria de Currículo e dos estudos multiculturais. Teóricos como Canen (2007, 2008, 2009, 2010), Moreira (2001, 2002) e McLaren (2000) entre outros, forneceram as bases para a discussão das diferentes abordagens do multiculturalismo e de sua adesão ao campo da educação e do currículo. Desta forma, destaco o multiculturalismo compreendido como corpo teórico e campo político que se constitui em uma resposta a sociedade contemporânea que é por excelência multicultural no sentido de apresentar um caráter plural de culturas. Discuto sobre o multiculturalismo e identifico que não há uma definição fechada desta proposição e percebo que não basta afirmar que um currículo é multicultural é necessário que se questione do processo de significação dada a essa proposição. Por fim, pontuo a importância de que sejam realizadas pesquisas que investiguem como essa abordagem do multiculturalismo tem sido considerada e incorporada nos currículos das escolas.

Palavras chave: multiculturalismo, currículo, educação.

Abstract

This article is a theoretical research that aims to reflect on the propositions of multicultural studies and their implications in the field of curriculum. In this approach, I see some aspects of socio-historical context, the construction of knowledge and educational field studies and from discussions in the context of curriculum theory and studies multiculturalists. Theorists like Canen (2007, 2008, 2009, 2010), Moreira (2001, 2002) and McLaren (2000) among others, provided the basis for the discussion of different approaches to multiculturalism and its accession to the field of education and curriculum. Thus, I emphasize multiculturalism understood as the political theories and which constitutes a response to contemporary society par excellence that is multicultural in order to present a plural character of cultures. Thus, it represents an epistemological break with the design of monocultural society and homogenized. Since, for some theorists of multiculturalism is not a simple cultural diversity, but the responses to this diversity. Finally, the theoretical approach in this article, I discuss multiculturalism and identify that there is a closed setting and I realize that this proposition is not enough to say that a multicultural curriculum is necessary to question the process of meaning given to that proposition. Finally, he emphasized the importance of research to be conducted to investigate how this approach to multiculturalism has been considered and incorporated in school curricula.

Key words: multiculturalism, curriculum, education.

¹ Doutoranda em Educação na Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, vinculada a linha de pesquisa Currículo e Linguagens, sob a orientação da Prof. Dra. Ana Canen. alinecleide@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Este artigo tem objetivo refletir acerca das proposições dos estudos multiculturais e suas implicações no campo do currículo. Nesta abordagem, observarei alguns aspectos do contexto histórico-social, da construção do conhecimento e da área educacional a partir dos estudos e discussões no contexto da Teoria de Currículo. Neste artigo, sinto-me instigada a levantar algumas reflexões acerca de alguns significados e formas abordagens da cultura; dos processos de identificações; da formação dos professores; das organizações institucionais e dos aspectos pedagógicos que perpassam a discussão do multiculturalismo no contexto educacional e de suas implicações/desdobramentos nos processos de negociação de significados efetivados nas investidas e práticas de currículos multiculturalmente orientados.

Destaco assim, os aspectos que nortearam o estudo, seja pela inquietação provocada a partir dos autores acerca do lugar/papel/significado do currículo, seja pelo desafio suscitado, o tempo inteiro, quando nos propomos a problematizar aquilo que antes parecia “óbvio”: do **currículo** e suas categorizações (formal, vivido, oculto, nulo) e principalmente da compreensão de currículo como um processo de negociação de significações que se dá sobre alguma coisa; da **cultura** como repertório partilhado de sentidos, sendo compreendida tanto como objeto de escolarização (conteúdo), quanto como espaço de produção de sentidos; do **discurso** não só como linguagem, mas também como prática social (é linguagem, é ação, é material e é simbólico); da **identidade** enquanto provisória e contingencial, compreendendo que, o que existe são processos de identificação e que cada identidade é o que é somente por meio das diferenças em relação a todas as outras; da interpretação da **política** como decisões em um terreno indecível, e da compreensão de que as políticas são bricolagens de textos e estas bricolagens podem ampliar as formas de interpretação.

Destaco ainda, a compreensão de currículo como espaço tempo de fronteiras. Sendo estas fronteiras o espaço-tempo em que sujeitos, hibridizados em seus pertencimentos culturais, interagem produzindo novos híbridos. Neste sentido, hibridizar significa renunciar à idéia de identidade baseada em raízes de qualquer natureza.

Outra questão que vem ganhando força no campo do currículo é a discussão acerca da cultura, seja pelos vários conceitos a ela atribuídos, ou pelo valor que ocupa em determinados grupos teóricos. Um desses olhares/leituras sobre os significantes ou o papel da cultura é o grupo de teóricos que trata do multiculturalismo como categoria teórica, das políticas com potenciais multiculturais e do currículo multiculturalmente construídos. Neste universo de vários significados e significantes, faço a opção em adentrar/aprofundar um pouco nas discussões do multiculturalismo.

PENSANDO O MULTICULTURALISMO ENQUANTO ENFOQUE TEÓRICO

A discussão acerca do conceito de cultura tem cada vez mais, conquistado espaços nas questões das ciências sociais e em particular na educação. Parece que os autores substituem o foco da economia pela cultura. Ultrapassando a compreensão de cultura como mero reflexo da estrutura econômica, ou ainda como conhecimento sócio e historicamente construído e repassado entre gerações, a cultura passa a representar uma condição constitutiva da vida social, assumindo maior relevância na organização da vida em sociedade e na constituição dos seus atores.

Essa valorização da cultura acontece pela “mudança” de significados que são atribuídos ao termo. Passando a ser concebida como um conjunto de representações dadas pelo ser humano. Desta forma, os seres humanos como seres interpretativos e instituidores de

sentido, são seres de ação social e de cultura. O significado da ação social, tanto para os que a praticam como para os que a absorvem, se dá através dos muitos e variados sistemas que são utilizados na definição dos significados que são atribuídos às coisas e para regular e codificar a conduta de uns para com os outros.

Estes sistemas e códigos são carregados de sentidos que orientam nossas ações e nos permitem interpretar significativamente ações alheias. Hall (1997) diz que, são estes sistemas e códigos tomados em seu conjunto que constituem nossas culturas. Contribuindo para assegurar que toda ação social é cultural e que todas as práticas sociais, por serem imbuídas de significados, são práticas de significação. Assim entendida a “cultura não é nada mais do que a soma de diferentes sistemas de classificação e diferentes formações discursivas às quais a língua recorre a fim de dar significado às coisas” (Hall, 1997, P. 10).

O multiculturalismo na perspectiva crítica tem por foco as questões das lutas políticas envolvidas nas relações das classes dominantes sobre os dominados, contrapõe-se ao processo de exploração e opressão de grupos favorecidos economicamente sobre as classes menos favorecida, buscando assim a transformação da realidade. Portanto, para os teóricos da teoria crítica a cultura é entendida como um espaço de luta pela superação ou preservação de desigualdades sociais.

No pós-modernismo a cultura torna-se central e são os discursos que constroem os sujeitos. É neste sentido que a virada cultural amplia esta compreensão acerca da linguagem para a vida social como um todo. Dentro deste paradigma não há uma realidade (de fato) fora do discurso. A realidade não existe *a priori*, ela é sempre concebida pela linguagem. Portanto, trata-se de buscar compreender como os sujeitos estão significando as práticas, bem como, os significados atribuídos aos discursos presentes nestes espaços de significações. Isto por que, o “significado surge, não das coisas em si - ‘a realidade’ – mas a partir dos jogos da linguagem e dos sistemas de classificação nos quais as coisas estão inseridas. O que consideramos fatos naturais são portanto, também fenômenos discursivos.” (HALL, 1997 p. 10)

Esse momento, no qual a cultura ganha um significado mais expressivo e se destaca como necessária na análise e compreensão das organizações sociais é, também, conhecido pelo termo centralidade da cultura. Hall (1997) ao refletir sobre a forma como a cultura está presente no nosso cotidiano anuncia que a expressão centralidade da cultura é usada para indicar “a forma como a cultura penetra em cada recanto da vida social contemporânea, fazendo proliferar ambientes secundários, mediando tudo. A cultura está presente em vozes e imagens incorpóreas que nos interpelam das telas, nos postos de gasolina.” (HALL, 1997 p. 5)

TECENDO OLHARES ACERCA DO MULTICULTURALISMO: DIFERENTES PERSPECTIVAS E TERMINOLOGIAS

O multiculturalismo é compreendido como corpo teórico e campo político e se constitui em uma resposta a sociedade contemporânea que é por excelência multicultural no sentido de apresentar um caráter plural de culturas. Assim, representa uma ruptura epistemológica com o projeto de sociedade monocultural e homogeneizada. Sendo que, para alguns teóricos o multiculturalismo não se trata de simples diversidade cultural, mas das respostas dadas a essa diversidade.

Em reação ao que se denomina por multiculturalismo benigno (Moreira, 2002) diz que o multiculturalismo crítico é um esforço por examinar e questionar a possibilidade de desestabilizar as relações de poder envolvidas nas situações em que as diferenças coexistem. Isso porque o multiculturalismo benigno se restringe a identificar as diferenças, a tolerância e

a convivência entre elas, sem questioná-las. Dando a entender que essa convivência se dá de forma harmoniosa e tranqüila e sem questionar as lutas políticas e relações de poder nelas envolvidas. Doutra modo, será justamente esse questionamento que o multiculturalismo crítico terá como central, com propósito de desestabilizar as relações de poder envolvidas quando coexistem diferenças culturais. Ou seja, o questionará acerca das diferenças e das relações de poder que as produzem.

No multiculturalismo crítico, são evidenciadas questões como a da luta política, e do engajamento dos sujeitos em defesa da causa; reivindica e questiona a superação do poder exercido pela classe dominante sobre a classe dominada, o opressor e o oprimido. A questão da diferença é vista no sentido de dá voz aos silenciados, as classes desfavorecidas e oprimidas por questões racistas, classistas, sexistas, homófobas e etc.

Neste sentido, McLaren (2000) afirma que o multiculturalismo crítico avança e se diferencia do multiculturalismo conservador/empresarial, do multiculturalismo humanista liberal e do multiculturalismo liberal de esquerda. Isso porque, os multiculturalistas conservadores trabalham com a negação da igualdade cognitiva de todas as raças, identificando as minorias mal sucedidas como portadoras de bagagens culturais inferiores e carência de fortes valores de orientação familiar. Desta forma, justificam que o fato de serem mal sucedidos é culpa deles mesmos, justamente por essa carência “natural” de aparatos mais elaborados, condenando-os a essa inferioridade permanente.

Outro aspecto, ofensivo do multiculturalismo conservador é o projeto de construir uma cultura comum através da deslegitimação das línguas estrangeiras e dialetos étnicos e religiosos.

Já o multiculturalismo humanista liberal argumenta que existe uma igualdade natural entre as pessoas, independentemente de sua raça. Estes, por sua vez, diferentemente dos conservadores, acreditam que as restrições econômicas e socioculturais existentes podem ser modificadas e reformadas com o objetivo de se alcançar uma igualdade relativa

No multiculturalismo liberal de esquerda é sugerido que o foco saia da igualdade das raças para que sejam enfatizadas as diferenças culturais que podem ser responsáveis por práticas sociais diferenciadas. Nesta perspectiva, acusa as outras tendências de esconderem as características e diferenças relativas à raça, classe, gênero e sexualidade. Observamos, portanto, uma tendência à essencializar as diferenças culturais, deslocando-as das questões históricas, culturais e de poder. O aspecto político por vezes é reduzido apenas ao pessoal, dispensando a teoria em favor da identidade pessoal e cultural individual do sujeito.

Considerando tais perspectivas multiculturais, McLaren (2000) vai sugerir e defender a perspectiva do multiculturalismo crítico por acreditar que esta compreensão dá um passo à frente, das outras perspectivas, ao assumir que todas as representações são o resultado de lutas sociais sobre significantes e significados.

Dessa forma, multiculturalismo crítico se destaca das demais perspectivas por apresentar uma agenda política de transformação da sociedade, doutra modo a idéia de multiculturalismo pode representar apenas mais uma forma disfarçar ou acomodar-se a uma ordem social maior. O projeto multicultural inserido em uma visão pós moderna de sociedade apresenta como categorias centrais a diversidade, a descontinuidade e a diferença. Nesse sentido percebe a identidade, não como essência, mas, “como descentrada, múltipla e em processo permanente de construção (...) sempre provisórias, contingente e inacabada.”. (CANEN & OLIVEIRA, 2002, P. 61-62).

Pensar em multiculturalismo crítico implica pensar a diversidade e pluralidade das identidades que constituem as sociedades. Não se trata de pensarmos a pluralidade das identidades de forma congelada e fixada, categorizando-as como se fossem definidas e uniformes em algumas categorias tais como: o negro, a mulher, trabalhador e etc. A identidade, nesta perspectiva, é compreendida como construção que se dá na relação dos diversos espaços discursivos, nos quais os sujeitos vão significando e re-significando as representações que nestes espaços são apresentadas. Neste sentido, “identidade e diferença ligam-se a estruturas discursivas, a sistemas de representação e relações de poder” (Moreira, 2002 p. 24), a identidade e a diferença precisam ser tratadas como questões políticas. É necessário pensarmos em possibilidades que garantam a representação e a valorização dessas identidades nos vários e amplos espaços sociais e organizacionais.

A idéia de multiculturalismo crítico é desenvolvida por McLaren (2000), a partir de uma abordagem pós estruturalista de resistência, na qual é enfatizado o papel desempenhado pela língua e a representação na construção de significado e identidade. Signos e significações são compreendidos como sendo instáveis e em deslocamento, podendo apenas ser temporariamente fixados, dependendo de suas articulações dentro de lutas discursivas e históricas particulares.

Sob essa abordagem, o resultado das lutas sociais mais amplas sobre signos e significações é o que vai dar representação as categorias de raça, classe e gênero. Assim, “a posição central do multiculturalismo crítico é a de que as diferenças são produzidas de acordo com a produção ideológica e a recepção de signos culturais. Lembrando que as diferenças são construções históricas raciais”. (McLaren, 2000, p.131). Portanto, o multiculturalismo crítico tem a perspectiva de identificar e superar os mecanismos históricos, políticos e sociais nos quais os discursos que reforçam o silêncio de identidades e marginalização de grupos, são construídos.

Assim, o multiculturalismo crítico vai ter por principal tarefa a busca pela transformação das relações sociais, culturais e institucionais nas quais os significados são concebidos. Lembrando que os signos são parte de uma luta ideológica que cria uma especificidade de representação que vai legitimar certa realidade cultural.

Logo, a cultura é vista como processo em contínua construção e mudança, no qual é marcado pela existência de conflitos em um campo de negociações de sentidos, em busca de hegemonia. Neste espaço, há a busca e valorização da democracia, porém consciente de que esta acontece em espaço de tensão.

Em estudo realizado por Moreira (2002) é discutida a compreensão do multiculturalismo por pesquisadores que tratam de questões como currículo, diferença e diálogo. Surge uma discussão, interessante, a respeito do termo multiculturalismo que, para alguns pesquisadores seria mais apropriado o uso do termo intercultural. A partir da fala de um dos entrevistados, o multiculturalismo na perspectiva da educação é entendido como sendo um reconhecimento da diversidade, constituindo-se em esforço por fazer com que cada pessoa e cada grupo possam explicitar os seus modos de compreender a realidade e os seus padrões culturais, que possam se fazer percebidas em suas diferenças e assim reconhecidas por outros grupos. Esse reconhecimento já seria, de fato, um grande avanço. Porém, não suficiente! Daí propõe uma compreensão e ação intercultural, pois não basta reconhecer a diferença, é preciso que estas diferenças possam estabelecer uma relação, a inter-relação entre pessoas de culturas diferentes.

É neste sentido que alguns teóricos preferem o termo intercultural por acreditarem que sob esta perspectiva estas relações/diálogos/encontros entre as culturas poderem

justamente permitir um entendimento recíproco, de tal forma que essa relação implique um desafio à reelaboração de cada um. Doutro modo, na relação entre as culturas, “uma dada cultura pode-se desestabilizar, ser relativizada ou contestada em seus princípios básicos, expondo-se à crítica, o que favorece a eliminação dos seus elementos negativos”. (MOREIRA, 2001, P. 74). Desta forma, reconhecer as diferenças não é suficiente, é preciso estabelecer relações entre as culturas, particularmente entre pessoas. Trata-se de reconhecer o outro como pessoa e não a outra cultura como matéria a ser ensinada.

Considero que ao optarmos/tratarmos esses termos, temos por base alguns significados, tais como: cultura, diálogo, diferença etc., os quais embasam nossas escolhas. Desta forma, ao invés de tentar definir qual o termo seria mais apropriado, faço a opção pelo questionamento levantado por Moreira (2002, p, 74): “não será, na verdade a concepção de cultura que escolhemos que irá conferir ao processo ou um caráter estático ou um caráter dinâmico, produtivo?”

Nesse contexto, Moreira (2002) identifica duas perspectivas teóricas entre os pesquisadores críticos e pós-críticos das questões que abordam o multiculturalismo. Uma associada aos pressupostos da teoria crítica e outra mais reveladora da teoria cultural contemporânea, sugerindo a interlocução entre os pesquisadores das duas linhas de abordagem. Acredita que as aproximações e atritos advindos desse diálogo só trarão lucros, principalmente aos estudos pós coloniais, pós modernos e pós estruturalistas. Dessa forma, defende como principal argumento que as reflexões multiculturais “podem enriquecer-se e aprofundar-se pelas aproximações e tensões entre os insights da teoria curricular crítica e as contribuições da teorização social e cultural contemporânea que discute diferença e diálogo” (MOREIRA, 2002, p. 20)

O MULTICULTURALISMO NO CAMPO EDUCACIONAL: ABORDAGENS TEÓRICAS E IMPLICAÇÕES CURRICULARES

Ao olhar para o multiculturalismo na área da educação estou entendendo-o como campo teórico e político de conhecimentos, que tem por foco olhar sobre o múltiplo, o plural e todos os grupos, inclusive os que são “marginalizados” pelas relações de poder envolvidas nos contextos sociais que interagem diferentes identidades. Assim, a educação multicultural teria como fio condutor de suas ações e proposições a busca por respostas e alternativas para a incorporação desses grupos, no cotidiano escolar. A postura multicultural na educação é caracterizada por assumir o desafio de buscar entender o modo ou os pressupostos de interpretação a partir dos quais cada grupo elabora seus significados. Ancorado nesta concepção o multiculturalismo parte para o enfrentamento do fracasso escolar, que no contexto da educação brasileira, tem insistido em atingir as parcelas da população mais “necessitada”. Desta forma, o foco central do multiculturalismo é o de:

entender as formas de pensar destes grupos, seus universos culturais, bem como questionar a extensão em que suas vozes estão representadas (ou silenciadas) em currículos e práticas educacionais, (...) busca caminhos alternativos para se levar em conta as múltiplas culturas e incorporar desafios a preconceitos, em nossas políticas, práticas e discursos.” (CANEN, 2008, P.60)

Assim entendido, o multiculturalismo no contexto educacional mais que trabalhar a questão da diversidade cultural enquanto culturas a serem caracterizadas e estudadas como conteúdos escolares, enfatiza o questionamento em busca de compreender em que contexto histórico social essas significações foram construídas. Questionando a própria construção da diferença e, por conseguinte, dos estereótipos e preconceitos contra aqueles tidos como diferentes no contexto de sociedades que são por excelência, desiguais e excludentes. Ao optar pelo multiculturalismo crítico como horizonte significa incorporar, nos discursos curriculares e nas práticas discursivas, desafios a noções que tendem à essencialização das identidades, entendendo-as, ao contrário, como construções

Neste sentido, Moreira (2001), apresenta possibilidades e proposições para o desenvolvimento da educação multicultural que, pode ser promovida para propiciar sensibilidade para a pluralidade de valores culturais favorecida pelo intercâmbio cultural no interior de cada sociedade e entre diferentes sociedades. Para resgatar valores culturais ameaçados como o objetivo de garantir a pluralidade cultural. Pode ser usada também, na perspectiva de reduzir os preconceitos e as discriminações. Ou ainda, com o auxílio da educação multicultural, pode-se destacar a responsabilidade de todos no esforço por tornar o mundo menos opressivo e injusto. Por fim, com o apoio da educação multicultural pode-se, propiciar a contextualização e a compreensão do processo de construção das diferenças e das igualdades, enfatizando-se que elas não são naturais e que, portanto, são passíveis a resistências.

A educação multicultural abre várias possibilidades para o trabalho com a diferença, a cultura, as identidades, dentre outras questões. Contudo, é destacada uma dupla dimensão ao observar:

Por um lado, a necessidade de promovermos a equidade educacional, valorizando as culturas dos alunos e colaborando para a superação do fracasso escolar. Por outro lado, a quebra de preconceitos contra aqueles percebidos como “diferentes”, de modo que se formem futuras gerações nos valores de respeito e apreciação à pluralidade cultural, e de desafio a discursos preconceituosos que constroem as diferenças. (CANEN & OLIVEIRA, 2002, P. 63)

A valorização das várias culturas no contexto educacional pode possibilitar uma melhor localização de todos os alunos por favorecer o reconhecimento enquanto pertencentes daquele universo. É importante acrescentar que, o objetivo não é igualá-los, uniformizá-los, adequá-los em um modelo de cultura que seria formulado pelos fragmentos de cada um em sua particularidade. Compreendo que, as aspas usadas na citação anterior é para enfatizar o uso da palavra diferente neste discurso, o diferente aí seria aqueles sujeitos pertencentes a determinados grupos que são estereotipados como fora do “padrão”.

Cabe lembrar que todos são diferentes em suas particularidades, uma vez que, as diferenças são sempre diferenças em relação, e mesmo dentro de um grupo que seria considerado de “cultura comum” essas diferenças vão aparecer, pois as pessoas podem estar situadas diferentemente dentro da mesma estrutura “totalizante”.

A esse respeito Macedo (2004) faz um importante alerta para o fato de a diferença vir sendo, ao longo do tempo, tratada como problema a ser superado, ao tempo que enfatiza que ela não pode deixar de existir, pois temos que lidar com a diferença buscando negociá-la. Um

lugar em que as culturas co-existam em uma região que se negocie o inegociável, pois é nela que reside a nossa esperança de construção de uma política da diferença.

A sensibilidade do professor é muito importante na percepção e tratamento da heterogeneidade das culturas que circulam o universo escolar. Lembrando que além das diferenças de subjetividades os estudantes, mesmo que no mesmo nível escolar, são portadores de saberes e necessidades particulares e diversas, o que solicita um diferenciar no currículo e na relação pedagógica que se estabelece em sala de aula.

Da mesma forma, é necessário que os educadores exerçam certo policiamento sobre aquilo que propõem aos seus alunos para que, não sejam eles próprios os opressores e ditadores de crenças. Isso porque, o professor tem uma história de vida que o faz ser portador de uma/algumas identidade(s) e cultura(s), sendo um sujeito multicultural é influenciado por essa história de vida, por seus pertencimentos identitários e pelas relações estabelecidas com o próprio campo educacional. Tudo isso faz com que privilegie alguns aspectos e negligencie outros; perceba objetos e não enxergue outros; ouça algumas vozes e silencie outras.

Neste sentido McLaren, faz um apelo aos educadores que se propõem ao multiculturalismo:

Como educadoras multiculturais precisamos ajudar ativamente aos estudantes a desafiarem cenários de hierarquia discursiva, em vez de dê-localizá-los e dê-historicizá-los, e a contestarem as maneiras pelas quais os seus desejos e prazeres estão sendo policiados. Que não manipulemos nossos alunos e alunas a aceitarem nossas posições intelectuais e nem tenhamos a intenção de ao mesmo tempo, falar por eles. (MCLAREN, 2000, P. 155).

Para os multiculturalistas, o professor deve ser encarado como um verdadeiro pesquisador em ação, questionador e desafiador de modelos hegemônicos da cultura, em favor de uma educação que esteja preocupada em desconstruir preconceitos, valorizar a diversidade cultural, criticar as desigualdades sociais e culturais e reconhecer as diversas identidades presentes no cotidiano escolar.

Para potencializar esse tipo de trabalho a instituição precisa se configurar em organização multicultural, refletindo a valorização da pluralidade de vozes e identidades, buscando no confronto de idéias e orquestração das diferenças, a seiva do trabalho acadêmico e da pesquisa na formação de professores.

A escola no estudo do multiculturalismo na educação é compreendida como organização multicultural por excelência, pois em seu cotidiano lida com a diversidade cultural, étnica, racial, de gênero, de histórias de vida, de crenças e linguagens múltiplas. Isso, tanto por parte do grupo dos profissionais que trabalham na instituição como no grupo dos alunos e seus familiares e de todos os outros atores que aí atuam. Nesse sentido, em uma visão multicultural, o projeto político pedagógico é construído na tensão entre a diversidade cultural dos atores da comunidade escolar com suas visões de mundo raça e na necessidade de construção da identidade escolar, a ser refletida nesse projeto.

Para tanto, a educação multicultural irá focalizar, além da diversidade cultural e identitária, os processos discursivos nos quais as identidades e culturas são formadas. Portanto, a visão multicultural,

Não se limita a constatar a pluralidade de identidades e os preconceitos construídos nas relações de poder entre as mesmas. Vai, isto sim, analisar criticamente os discursos que fabricam essas identidades e essas diferenças buscando interpretar a identidade como uma construção, ela própria múltipla e plural. Dessa maneira, a própria identidade é objeto de análise do multiculturalismo pós moderno ou pós colonial. A hibridização ou hibridismo é conceito central dessa perspectiva multicultural: a construção da identidade implica que as múltiplas camadas que a perfazem a tornem híbrida, isto é, formada na multiplicidade de marcas, construídas nos choques e entrechoques culturais. (CANEN, 2007, p. 95)

A discussão acerca da representação da identidade é recorrente para os que estudam o multiculturalismo, constituindo-se como uma categoria de análise. Pensar em multiculturalismo é antes de mais nada pensar nas identidades plurais que perfazem as sociedades, lembrando que essas identidades são sempre múltiplas, provisórias e contingentes. Essas identidades são construídas por sedimentações das diferentes identificações que vivenciamos ao longo do tempo e acabamos por concebê-las “como se viessem de dentro, mas que, sem dúvida, são ocasionadas por um conjunto especial de circunstâncias, sentimentos, histórias e experiências únicas e peculiarmente nossas, como sujeitos individuais. Nossas identidades são, em resumo, formadas culturalmente.” (HALL, 1997, P. 8)

Ao tratar da questão da identidade Canen &Canen (2005) argumenta que o multiculturalismo aborda uma pluralidade de identidade que podem ser individuais, coletivas e institucionais e que cada uma é construída dentro de contextos específicos, segundo as experiências vividas e os significados que são dados a essas experiências. Compreendendo que essas identidades estão sempre em movimento e construção, precisa que sejam valorizadas e reconhecidas como provisórias. Assim, entende a identidade individual como aquela que é constituída na pluralidade dos marcadores - de gênero, raça e classe social - que perfazem a constituição dos sujeitos, eles próprios híbridos. A identidade coletiva refere-se a algum marco que em algum momento foi central na construção de sua história de vida. Já a identidade institucional se refere ao conjunto de marcadores que caracterizam um ambiente institucional, em um universo que coabitam e embatem as identidades individuais plurais, as identidades coletivas e um projeto de instituição a ser construído.

APROXIMAÇÕES MAIS PONTUAIS SOBRE O MULTICULTURALISMO NO CAMPO DO CURRÍCULO

Até agora, foi enfatizado a educação em uma abordagem multicultural, como campo de encontros de pluralidade de culturas, de identidades e propulsora de relações de sociais nas quais significantes são negociados na construção/desconstrução de significados. Compreendendo que o multiculturalismo pode colaborar para uma educação mais valorizadora da diversidade cultural e questionadora das diferenças, favorecendo a superação

de posturas dogmáticas, que tendem a congelar/fixar as identidades e negarem as diferenças dentro das próprias diferenças. Lembrando que, o multiculturalismo tem como característica primeira o questionamento sobre verdades que são consideradas únicas e absolutas. Viabilizando uma educação que compreenda a cultura como construção dada em negociações de sentidos historicamente e socialmente construída nas relações sociais e nas lutas de poder. De forma a questionar, todo e qualquer modelo que seja apresentado como único/padrão/fixo, típico dos currículos monoculturais.

Nesta perspectiva, ao contrário de currículos monoculturais, a proposta é que as escolas pensem os seus currículos de forma multicultural com espaços de questionamentos acerca dos conhecimentos histórico e socialmente construído e sem tomar por base as dicotomias do branco/negro, masculino/feminino etc. O currículo, pensado não simplesmente como um documento burocratizador de práticas instituídas, mas como:

todas as experiências organizadas pela escola que se desdobram em torno do conhecimento escolar. Incluo no âmbito do currículo, assim, tanto os planos com base nos quais a escola se organiza, como a materialização desses planos nas experiências e relações vividas por professores e alunos no processo de ensinar e aprender conhecimentos. (MOREIRA, 2001, p. 68)

Conforme já foi dito neste texto, há várias sentidos para o multiculturalismo. No campo da educação, e mais especificamente no currículo, podemos perceber a existência de três enfoques principais: O multiculturalismo folclórico, o multiculturalismo crítico e o multiculturalismo pós-colonial.

No multiculturalismo folclórico, identificamos no currículo escolar as festas, os ritos, as datas comemorativas, as formas de pensar e sentir de diversos povos, etnias, raças, classes sociais e religiões. No multiculturalismo crítico, identifica-se em que medida o currículo tem promovido o questionamento das relações de poder entre as culturas de maneira a desafiar estereótipos e propondo práticas pedagógicas que der voz aos silenciados. Para tanto, buscase perceber e desafiar as raízes históricas de preconceitos e discriminações dentro das identidades de raça, etnia, gênero, classes sociais e outras. Já no multiculturalismo pós-colonial há a necessidade de se reconhecer que as identidades não são puras, mas híbridas, ou seja, diferentes identidades se relacionam formando novas identidades e culturas, que também se modifica, e assim permanecem em constante transformação. O foco está em se compreender a diferença dentro da diferença. Esta perspectiva focaliza também o papel da “linguagem, dos discursos na construção e na reconstrução dessas identidades, entendendo-se o currículo como artefato cultural constituído de discursos que forma realidades que podem reproduzir discriminações ou, ao contrário, valorizar a diversidade.” (CANEN, 2009, P. 82)

É importante, que estejamos alertas quanto aos perigos no tratamento das culturas abordadas no multiculturalismo folclórico, ao tratar as culturas e identidades de forma essencializadas, sem questionar a construção histórica dessas diferenças. Um currículo que seja abordado sob essa concepção, embora se reconheça a diversidade cultural, trata de forma parcial e estrutural as questões referentes a diferença, a identidade e a cultura. Ao essencializar as identidades culturais, pouco contribui para a discussão da hegemonia exercida por alguns grupos dentro das relações de poder e dos processos de construção de significação que ocorrem nas relações sociais e culturais. Não provocando qualquer desafio que leve ao

questionamento dos preconceitos e estereótipos, limita-se a valorização da diversidade cultural entendida de forma essencializada e folclórica. Nessa perspectiva, o multiculturalismo é apenas uma “extensão” ao currículo, impregnando-o com noções da cultura e dos seus ritos, tais como a comemoração de datas especiais, como “dia da consciência negra”, “dia do índio”, “semana do folclore”, dentre outros.

Tal perspectiva deixa de fora aquilo que seria fundamental na construção de um currículo crítico multiculturalmente orientado, pois o mais importante seria o desafio e questionamento para que se possa compreender em que conjunturas foram criadas situações de vantagem de um grupo enquanto outro foi subalternado/oprimido. Assim, é negligenciado o fato de que estas situações são constituídas em contextos que são histórico-sociais, produzidas por homens e mulheres, portanto, passíveis de serem questionadas e transformadas. Permitem, portanto, que os critérios usados para justificar a superioridade de indivíduos e grupos em relação a outros sejam naturalizados.

Sobre essa questão McLaren (2000) provoca e propõe um desafio aos que estão tratando do campo do currículo, enfatizando que é necessário ultrapassar o debate em torno do politicamente correto e tornar o assunto da diferença seriamente discutido de forma a desafiar as críticas que negam a diferença, realizadas pelos multiculturalistas conservadores. Desta forma, alerta que ao focalizarmos meramente a diversidade, estamos na realidade, reforçando o poder de discurso das tradições ocidentais que ocupa os contextos dos privilégios sociais. Reformas curriculares exigem que, se interrogue as pressuposições discursivas que informam suas práticas curriculares com respeito a raça, classe, gênero e orientação sexual; que se reconheça que grupos estão diferencialmente situados na produção do conhecimento superior ocidental. Significa também afirmar as vozes das pessoas oprimidas, e dar aos marginalizados e aos sem poder uma opção preferencial. Finalmente, “precisa reconhecer a importância de espaços de encorajamento para a multiplicidade de vozes em nossas salas de aula e de se criar uma pedagogia dialógica na qual as pessoas vejam a si e aos outros como sujeitos e não como objetos.” (MCLAREN, 2000, P. 146).

Um currículo multiculturalista crítico pode ajudar aos educadores a questionar as situações nas quais seus alunos são colocados em posições diferencialmente sujeitados às inscrições ideológicas. Assim, mas que identificar tipos de culturas presentes no contexto da sala de aulas, trata-se de trabalhar essas diferenças enquanto possibilidade de compreensão das influências exercidas pelas forças econômicas e pelas relações de poder no processo de identificação das identidades culturais.

Não se trata de identificar e essencializar identidades e culturas, mas de compreendê-las como diferentes em relação. Nesse sentido, favorece a construção de uma política de consolidação de alianças, de sonharem juntos, de solidariedade que se desenvolve com liberdade e democracia, que vai além da postura alienante de situações como a semana da consciência negra, que na realidade servem para manter formas de racismo institucionalizado intactas. Sonhar junto, não significa dizer que todos estão igualmente situados pelos mesmos marcadores, ou que tenham se unificado e que a superação da diferença se totalizou. Significa que, em alguns aspectos da vida tem objetivos comuns.

Embora seja reconhecida a importância significativa dos estudos do multiculturalismo crítico no campo do currículo algumas críticas já são levantadas. Posturas pós coloniais afirmam que é necessário ir além do desafio aos preconceitos, enfatizando que é necessário buscar perceber através da linguagem e nos discursos, as formas como as diferenças são construídas. Devendo o multiculturalismo, sob essa abordagem, buscar des-essencializar os discursos, procurando identificar expressões de significados preconceituosas e marcas da linguagem que

estejam imbuídas de significações essencializadas no modelo ocidental, masculina, branca e etc.

Canen (2007) vai denominar essa última perspectiva, como o multiculturalismo crítico em uma versão pós colonial e diz que o seu cerne é o desafio à naturalidade com que normas e diferenças se colocam na sociedade. É justamente a desconstrução dessas normas e diferenças, nos discursos e nas linguagens, que ratificam a importância de ir além da denúncia. Nesse sentido, “visa a desconstruir as propostas curriculares, analisando-as como ‘discursos’ construídos a partir de determinadas visões de mundo (...) trata-se de compreender que as identidades não são puras e que existe a necessidade de se compreender as diferenças dentro das diferenças”. (CANEN & SANTOS, 2009, P.64 - 65)

Embora algumas limitações sejam reconhecidas e pontuadas em determinadas perspectivas multiculturais Canen & Santos (2009) argumentam que a escola deve passar pelos três enfoques multiculturais – o folclórico, o crítico e o pós colonial - mesmo que conflitantes entre si, objetivando promover a formação de sujeitos valorizadores da diversidade cultural e dispostos para a inserção em um mundo plural em e constante transformação. Neste aspecto, torna-se primordial que, no mundo contemporâneo, saibamos lidar com as diferenças existentes nos múltiplos contextos que por sua vez são também diferente.

Para os que pensam o multiculturalismo na perspectiva crítica e pós colonial, o professor deve ser encarado como um verdadeiro pesquisador em ação, questionador e desafiador de modelos hegemônicos da cultura, em favor de uma educação que esteja preocupada em desconstruir preconceitos, valorizar a diversidade cultural, criticar as desigualdades sociais e culturais e reconhecer as diversas identidades presentes no cotidiano escolar.

Desta forma, ao pensarmos em teoria de currículo fazemos associação a um contexto mais amplo dos paradigmas do conhecimento e percebemos que as teorias de currículo respondem determinadas formas de ver o mundo. São sempre, significações que pela disputa de significantes foram hegemônicas em um determinado tempo-espço. Assim observa-se que, no essencialismo a linguagem expressa o pensamento; no estruturalismo são as relações binárias que prevalecem, acostumou-se a pensar a diferença hierarquizada; os pós estruturalistas ao tomarem o discurso como foco trabalham com o tempo e com a diferença, passando a ter rede de significantes – linguagem como constitutiva da realidade. Para os pós estruturalistas só há acesso a realidade mediada pela linguagem e daí já aconteceu modificação. Ou seja, as palavras são usadas para representar uma realidade, mas ao serem usadas já a modificamos e assim “construímos” outra realidade.

Neste panorama, são várias as teorias de currículo. Lopes (2010) diz que se pode ler a teoria de currículo das duas últimas décadas no Brasil, sob duas abordagens que se contrapõem o moderno e o pós-moderno, pressupondo uma contraposição entre passado e presente. A autora acrescenta que por vezes as teorias são apresentadas de forma linear, como se uma representasse a evolução daquela que a antecedeu. É como se o currículo tivesse evoluído das teorias tradicionais para as teorias críticas e destas para as pós-críticas.

No entanto, a construção do conhecimento não ocorre de forma linear. Como que retirando uma coisa para colocar outra no lugar. Estas construções “mudanças” vão acontecendo de forma (dês) articulada e com continuidades. Isso para dizer que quando estamos falando de uma dada teoria de currículo não podemos tratá-las como unívoca. Determinadas teorias ganham força hegemônica em determinado tempo/espço. Os pós estruturalistas falam em mistura de cultura por acreditarem que a dominação nunca é total.

Os sentidos que são hegemônicos não são únicos. Assim podem ter superioridade, mas não totalidade.

CONSIDERAÇÕES E REFLEXÕES

Neste artigo, construí um diálogo com autores área do currículo e dos estudos multiculturais, na perspectiva de refletir acerca das possibilidades, desafios e implicações da proposta multicultural no campo da teoria de currículo. Neste sentido, busquei estabelecer relação entre as propostas multiculturais, o campo educacional e do currículo; de como as negociações por significado vão se hegemonzando em determinado tempo/espaço e como esses significados vão apontando determinados caminhos e negando outros. Compreendendo que, nesse processo estamos sempre fazendo escolhas, e que estas, nunca poderão ser totais, fixadas permanentemente, pois os sentidos que foram hegemonzados não são únicos, tão pouco, imutáveis.

Ao pensar acerca das várias significações dadas ao multiculturalismo, enquanto categoria teórica, não tive a pretensão de apresentar uma proposta de currículo multicultural. Considero ser necessário uma melhor reflexão acerca do multiculturalismo crítico e o pós colonial, pois acredito que, o que se destaca é que no primeiro, por vezes, a ênfase está na luta política e na defesa da causa dos oprimidos enquanto que no segundo a busca pela significação dos discursos aparecem mais fortemente. No entanto, com base nos autores aqui estudados, acredito que as aproximações são mais fortes que os distanciamentos.

Compreendo que, os professores que se propõem a uma perspectiva multicultural devem incluir o multiculturalismo em temas convencionais presentes no currículo da escola como, por exemplo, a avaliação, o Projeto Político Pedagógico, a inclusão e as tecnologias educacionais. O multiculturalismo não deve ser encarado como tema transversal da maneira em que normalmente acontece em algumas diretrizes e parâmetros, mas incorporado no currículo da escola de forma dinâmica e desafiadora através da sua tematização nos conteúdos de todos os componentes curriculares.

Para tanto, enfatizo a necessidade de ser favorecido no contexto educacional um espaço/tempo propulsor de formação continuada dos educadores que tragam estas questões em constantes diálogos, possibilitando que seja dada significação aos discursos sobre currículo e educação. Concordo com Canen (2010), quando defende que a formação continuada é um espaço fértil de resistência à homogeneização cultural, apresentando desafios e possibilidades de luta contra o fracasso escolar rumo à transformação social. A formação continuada deve ser vista como espaço/tempo crucial para a discussão da escola como organização multicultural.

Por fim, neste artigo de ensaio teórico, discuti um pouco sobre o multiculturalismo e identifiquei que não há uma definição fechada desta proposição e percebi que não basta afirmar que um currículo é multicultural é necessário que se questione do processo de significação dada a essa proposição. É certo que, tratar da diferença, das identidades não fixadas e do questionamento a naturalização de critérios usados na construção das diferenças e das igualdades, vai muito além do reconhecimento da pluralidade cultural. Tomada por essas compreensões, uma questão me inquietava e me acompanhou durante essa escrita: será que o multiculturalismo, dentro do campo das políticas de currículo, não está sendo tratado apenas como a inclusão de temas que zelem pela pluralidade cultural? Nesse sentido, considero de suma importância que sejam realizadas pesquisas que investiguem como essa abordagem do multiculturalismo tem sido considerada e incorporada nos currículos das escolas.

REFERÊNCIAS

CANEN, Ana & OLIVEIRA, Ana Maria Araújo. Multiculturalismo e Currículo em Ação: um estudo de caso. Revista Brasileira de Educação, n. 21, p. 61-74, 2002.

CANEN, Ana & CANEN, Alberto G. Rompendo Fronteiras Curriculares: o multiculturalismo na educação e outros campos do saber. Currículo sem Fronteiras, v. 5, n. 2, p. 40-49, 2005. Disponível em: www.curriculosemfronteiras.org. Acesso em 27/12/2010.

CANEN, Ana. O multiculturalismo e seus dilemas: implicações na educação. Comunicação & Política, v.25, n. 2, mai./ago., 2007.

_____. A educação brasileira e o currículo a partir de um olhar multicultural: algumas tendências e perspectivas. In: BARROS, José Flávio pessoa de & OLIVEIRA, Luiz Fernandes de. (orgs). Todas as Cores da Educação, Rio de Janeiro: FAPERJ, 2008.

_____. Currículo, diversidade e formação docente. In: BARROS, Rita Maria de. (org.) Subjetividades e Educação: conexões contemporâneas, Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009.

_____. Formação continuada de professores em uma perspectiva multicultural: Análise de duas experiências municipais. Anais do XV ENDIPE, Belo Horizonte, 2010.

CANEN, Ana & SANTOS, Ângela Rocha dos. Educação Multicultural: teoria e prática para professores e gestores em educação, Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2009.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 22, n. 2, jul/dez 1997. Disponível em www.scielo.br. Acesso em 14/08/10.

LOPES, Alice Casimiro. Currículo, política, cultura. In: SANTOS, Lucíola; DALBEN, Ângela; DINIZ Julio; LEAL, Leiva. (orgs). Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, v. 1, p. 23-37.

MACEDO, Elizabeth. Currículo e hibridismo: para politizar o currículo como cultura. Educação em Foco, Juiz de Fora, v. 8, n. 1 e 2, mar/2003-fev/2004.

MCLAREN, Peter. Terror branco e agência de oposição: por um multiculturalismo crítico. In: _____. Multiculturalismo Crítico. São Paulo: Cortez, 2000, p. 105-157.

MOREIRA, Antônio Flavio Barbosa. A Recente Produção Científica Sobre Currículo e Multiculturalismo no Brasil (1995-2000): avanços, desafios e tensões. Revista Brasileira de Educação. São Paulo, n. 18, p. 65-81, set./dez., 2001.

_____. Currículo, Diferença Cultural e Diálogo. Educação e Sociedade. V. 23, n. 79, p. 15-38, 2002. Disponível em www.scielo.br. Acesso em 03/01/2011.